

## BIBLIOGRAFIA

*Caixa Baixa*  
Ed. Colibri, 2011

*Peregrinação de Artur Vilar*  
Ed. Miosotis, 2003

*Botas, Buques e Bicicletas*  
Ed. de autor, 1998

*Pinta-o às Bolinhas Azuis*  
Ed. plátano, 1980

*Uma História para os Meninos*  
Ed. Dors, 1975

cm-seixal.pt

con  
ver  
sas  
com a  
*escrita*



CLUB  
CABRITA  
AUS  
OR

APRESENTAÇÃO  
PÚBLICA DO LIVRO

*OS DEZ DE TÂNGER,*  
DE EDUARDO PALAIO

Galeria de Exposições Augusto Cabrita  
FÓRUM CULTURAL DO SEIXAL

4 DE ABRIL, ÀS 18.30 HORAS



Eduardo Palaio é natural do Seixal. Iniciou a sua atividade artística pelo desenho de humor, tendo publicado trabalhos, como colaborador, no *Mundo Ri*, sob a direção de José Vilhena.

Em 1966, expôs pela primeira vez trabalhos de desenho e pintura. Nos anos 1970/1980, retoma o *cartoon*, publicando regularmente num semanário. Participou nos Salões Nacionais de Caricatura e Desenho de Humor e como convidado em três exposições internacionais em Cuba (dedeté -1986/93/98) e no México (1994 e 1998).

Decorador de espaços públicos, é autor de nove murais

no concelho do Seixal. Apresentou nove exposições individuais de pintura de 1982 a 2000 e participou em inúmeras exposições coletivas.

Estreou-se na literatura com o livro infantil *Pinta-o às bolinhas azuis*. É autor do romance *Peregrinação de Artur Vilar* (2003) e da coletânea de contos *Caixa Baixa* (2011).

Em 2010, foi galardoado com o Prémio Nacional de Conto Manuel da Fonseca e, em 2011, venceu o grande prémio do conto Camilo Castelo Branco da Associação Portuguesa de Escritores.

A sua experiência como comandante de grupo de combate na Guerra Colonial, em Angola, revelou-se muito útil para escrever o romance histórico *Os dez de Tânger*.

*Deixem que vos fale primeiro de gente igual ao que fui, gente do mesmo modo de nascer, do mesmo jeito de viver, com o mesmo destino de morte, a nossa e a dos que por má sorte tropeçaram em nós. Contando deles, conto de mim: somos do mesmo barro e do mesmo barco e todos estamos precisados da misericórdia do Senhor.*

*Conheci-os no comércio, na pirataria, na vingança, na conquista na viagem do mar e nas securas do deserto. E conto da vida de cada um foi o que pude entender das palavras, saídas das suas bocas, vindas a mim por eles próprios e por outros companheiros. De tantos que recordo, falarei de dez, para não vos maçar muito.*



No reinado de D. Duarte, a cidade de Ceuta e os arquipélagos da Madeira e dos Açores já perfenciam aos domínios portugueses. Portugal vivia um período negro do ponto de vista financeiro, mas a ambição e a sede de novas conquistas no norte de África acalentavam o espírito do infante D. Henrique e do seu irmão mais novo, D. Fernando. Preparou-se uma armada para conquistar Tânger.

Perante a recusa de cavaleiros e besteiros, o rei viu-se obrigado a convocar homens muito mal preparados para a guerra.

Esta é a história de soldados desconhecidos: um agricultor de terra de renda, um pescador, um mercenário e bandido, um mesteiral, um ganha-pão rural, um moço de bordo, um criado e camareiro, um vagabundo, um calafate e um

mercador. Dez homens, dez vidas, dez aventuras na vida do mar. Levados pelo mote «se não for por amor que seja por temor», partem para o mistério de África numa viagem sem retorno. E 1437 ficará para sempre conhecido como o ano do Desastre de Tânger.

Quem foram esses soldados desconhecidos que partiram nessa expedição? Quais foram as experiências guerreiras da «gente baixa» recrutada à força? Como eram as suas vidas, os seus tormentos e as suas glórias?

Uma história épica que desbrava os caminhos de uma expedição contada e vivida por dez homens com existência real, mas apagados nos mapas da nossa memória.